

3^a menção honrosa: Café passado e literatura – Missioneira - Adriana Seibert de Oliveira

Café passado e literatura

Missioneira

Saborear uma xícara de café e se deliciar com páginas de um envolvente romance. Um ritual que está associado à memória de muitas pessoas quando se pensa em momentos prazerosos. Pois essa era uma cena praticamente impossível de presenciar tendo a minha pessoa como protagonista. Simplesmente não suportava o cheiro de café e nem ao menos sabia preparar um (com exceção do instantâneo que era somente misturar o pó à água). Para muitos era impossível imaginar uma jornalista que não tomava café, já que eu exercia uma profissão que tem como estereótipo aquele profissional que toma o seu “pretinho básico” a cada cinco minutos. Eu era um peixe fora d’água.

Mas hoje, cada vez que sinto o aroma de um café recém coado pelo ar, minha memória me remete aos corredores do Programa de Pós-Graduação em Letras. Pois é, foi lá em meio a muitos livros, que minha história com essa apreciadíssima bebida mudou.

Era dezembro de 2008, eu estava nas nuvens, encerrando o segundo semestre do mestrado em Letras, na área de concentração de Estudos Literários. Tinha alcançado um dos meus sonhos, ser aluna da UFSM, e ainda ajudava na organização dos eventos do grupo de pesquisa da Literatura e Autoritarismo, coordenado pela minha orientadora, Rosani Umbach.

Estávamos às voltas do segundo dia de programação da 6^a Jornada de Literatura e Autoritarismo e do 2º Simpósio Memórias da Repressão, com muitas palestras, debates e mesas redondas. Cada um com sua responsabilidade, eis que alguém lembra: “Hoje não tem ninguém pra organizar o coffee-break”. A preocupação rondou a equipe organizadora. Alguém precisava assumir mais uma tarefa. E adivinhem quem foi a escalada? Sim, eu, justamente eu que não sabia fazer café. Organizar os comes e fazer o chá era fichinha, mas o café... Esse sim era um bicho de sete cabeças.

Em meio ao verdadeiro desespero, pois tudo tinha que estar pronto em 40 minutos, lembrei-me do Jandir, o secretário da pós-graduação, um amante do cafezinho preto. Saí da cozinha e fui direto falar com ele: “Jandir, como eu faço café?”. Ele, meio incrédulo com aquela pergunta, ainda me diz: “Amor, tu não sabe usar a cafeteira?” Vendo a minha expressão, misto de vergonha e ansiedade, levanta da cadeira e diz: “Vem comigo que eu te ensino”.

Uma alegria enorme e um grande alívio era o que eu sentia. “Primeiro tu coloca o filtro assim, depois pra fazer uma garrafa térmica destas, coloca seis colheres bem cheias, de café. Coloca água aqui, nesta medida. Deu, é só ligar e esperar. Depois tu adoça e coloca na térmica”. Uma aula

particular de Como Fazer Café Passado. Minha nossa, como fez a diferença na minha vida.

O Jandir saiu da sala e eu escuto ainda no corredor ele dizer: “Depois eu quero uma xícara”. Pensei: “Claro que sim, é o mínimo que posso fazer”.

E não é que deu certo. O Jandir aprovou. No fim do intervalo das palestras fui recolher as térmicas. Resultado: das duas de chá de frutas vermelhas, uma vazia e uma cheia, e, quando fui em direção às de café, veio a expectativa. Não é que as duas estavam vazias!!! Me senti realizada. Nunca mais ia passar por este aperto.

Não foi somente em teorias e em uma dissertação que resultou os dois anos no curso de mestrado em Letras. Aprendi a preparar um delicioso café. Um processo tão simples, mas que nunca havia me despertado o interesse. Foi preciso um professor para esta prática. Continuo não sendo uma apreciadora de café, até tomo raramente, mas que agora eu sei preparar, eu sei.